

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Editor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.707

Sexta-feira, 19 de Junho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada da Combra, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A consciencia colectiva do povo  
italiano acaba de vibrar um profundo  
golpe na ditadura criminal de Mus-  
solini!

## A APREENSÃO É UMA COBARDIA

# Chamem-nos aos tribunais!

Ontem, no parlamento, como o presidente do Senado cortasse a palavra ao sr. Ribeiro de Melo, quando este falava sobre a apreensão de A Batalha, o referido senador exclamou altivamente:

— “Não posso falar. Tenho de me sujeitar ao regimento da câmara, até um dia em que entre aqui de armas na mão para expulsar os vendilhões do templo!”

— “Não é — disse o senador dr. sr. Joaquim Crisóstomo — mandando fusilar pela polícia cidadãos presos e desarmados e apreendendo jornais que representam as verdadeiras correntes de opinião democrática que se consolida a república e prestigia o regime!”

**Sá Cardoso, ministro do interior, administrador e accionista duma companhia que explora os operários, falsifica assinaturas, rouba o Estado e intruja a Caixa Geral dos Depósitos!**

A escandalosa apreensão de A Batalha continua a causar ruído no parlamento. Só num país onde a ausência completa de brio amolecesse o espírito de revolta ante uma injustiça, tal não aconteceria. Admira-nos apenas que na Câmara dos Deputados, não haja alguém de consciência, que — não diremos como deputado, mas como homem — levantasse altivamente a sua voz contra uma arbitrariedade que está a ngingo em cheio a liberdade de pensamento.

Ontem o sr. Ribeiro de Melo que havia prometido em plena Câmara não largar o caso de mão enquanto não fosse esclarecido sobre o motivo da apreensão de A Batalha, principalmente o número de domingo, voltou, antes da ordem do dia, a agitar o assunto.

Não estava presente o ministro do Interior. Isso não impedia, porém, que o sr. Ribeiro de Melo atacasse energicamente o governo pelo facto de mandar apreender A Batalha que relata os crimes praticados pela polícia nos Olivais. Considerava arbitrariedade a perseguição à Batalha, jornal dos operários. Fez notar que era necessário haver mais consideração por um jornal que não se bandeia com a Finança, nem com os potentados industriais que arruinam o país. Frizou ainda que este jornal representava a opinião daqueles que em Monsanto salvaram a república expondo o seu corpo às balas.

Referindo-se à ação da polícia do sr. Sá Cardoso e não da república porque, a polícia da república não pode proceder duma forma tan infame, disse que era necessário esclarecer bem os factos.

A matéria que A Batalha do domingo passado inseriu não a achava ofensiva para as instituições e pediu licença à Câmara para ler um exemplar que possuia.

Quando, porém, ia iniciar a leitura de A Batalha, o presidente interrompeu-o, alegando que se havia esgotado o tempo de antes da ordem do dia. Esta interrupção, repassada de mafé, causou grande indignação.

Choveram protestos indignados.

O sr. Procópio de Freitas gritou:

— Fale! Fale!

O dr. sr. Joaquim Crisóstomo distinguiu-se também nos protestos.

Então o sr. Ribeiro de Melo, vendo a impossibilidade de continuar falando, promete voltar a levantar a questão, que considera gravíssima e termina o seu discurso, exclamando:

— Não posso falar. Tenho de sujeitar-me ao regimento da Câmara até um dia em que entre aqui de armas na mão para expulsar os vendilhões do templo!

\*\*\*

A atitude do sr. Sá Cardoso, ministro do Interior, tem sido tam desastrada, reveladora duma mentalidade tam tacanha, que não virá longe o dia em que os seus

próprios erros o façam cair. A sanção do crime dos Olivais, a apreensão sistemática de A Batalha e a projectada deportação de operários que, obedecendo de certo a malévolos pensamentos reservados, ainda não teve a ombridade de desmentir, vão aumentando o volume das suas tremendas responsabilidades.

Sobre tódas estas questões também ontem no Senado, o dr. Joaquim Crisóstomo fez considerações criteriosas, que gostosamente arquivamos.

Referiu-se aquele senador à notícia publicada em alguns jornais, em que se dá como certo, que o governo intencionava deportar para o Funchal os operários presos a fim de ali serem julgados por delitos sociais, e também António Canha, em virtude, diz-se, da cobardia dos juízados de Lisboa.

Declarou o dr. Joaquim Crisóstomo que não acreditava que essa notícia fosse verdadeira, atenta a violência que representava. Em seu entender o governo é obrigado a respeitar a lei, e desde que a infrinja, coloca-se na situação de sofrer-lhe as consequências, arrastando o país para a desordem. Enquanto predominar, como até hoje, o arbitrio e o capricho ministerial, que permitem às grandes empresas comerciais e industriais explorar o operariado e sugar o Estado, torna-se impossível sufocar o espírito de revolta, que neste momento domina o povo português. Urge enfrentar o problema do custo da vida sem o que não há medidas preventivas nem repressivas que detenham a marcha dos acontecimentos no sentido revolucionário. Sempre ouviu dizer que «quem me avisa meu amigo é», e por isso aconselhava o governo a reflectir e a mudar de rumo, procurando minorar a triste situação das classes menos abastadas.

— Não é — exclama o orador — mandando fusilar pela polícia cidadãos presos e desarmados e apreender jornais que representam as verdadeiras correntes de opinião democrática que se consolida a república e se prestigia o regime!

O orador espera que o governo da presidência do sr. Alvaro de Castro, que viveu uma vida atribulada e que se encontra no estorvo da agonia, «saiba morrer» já que não soube cumprir a sua missão e só existiu para agravar a crise económica e financeira nacional.

\*\*\*

Estas cousas que atrás se leem, disseram-se em pleno parlamento e nem o sr. Ferreira do Amaral, nem o ilustre agente «Sébento», respectivamente braço direito e esquerdo do sr. Sá Cardoso, correram a tapar a boca aos senadores que, com muita justiça, as profiram.

A frase, plena de revolta, com que o sr. Ribeiro de Melo fechou o seu discurso, perfilhava-la inteiramente. É preciso, de facto, expulsar os «vendilhões do templo». Esses vendilhões, porém, não se encontram apenas em

São Bento, estão por tóda a parte e são a Moagem que o ministro da Agricultura protege descaradamente com decretos favorecendo o aumento do preço do pão; os Bancos que devem quantias fabulosas ao Estado e nunca mais as pagam; os ministros que, dando o braço a compaixões, ainda tem o descarramento de lançar a polícia sobre o povo roubado, assassinando, prendendo-o e pensando até em deportá-lo.

Os vendilhões que vendem a pele do povo a quem mais dá, precisam ser desmascarados, trazendo para as colunas da imprensa honesta e alta as suas «crónicas» nojentas para que os seus nomes fiquem para sempre amarrados ao pelourinho da História.

A Batalha é perseguida, é apreendida, é ameaçada de assalto e os seus redactores ameaçados de morte, porque não cala esses crimes, essas imoralidades; porque ataca de preferência os maiores, os que mais graves responsabilidades tem no descalabro em que tudo isto resvalou.

Esses que nos amordaçam, como o ministro do Interior; esses que desejam a deportação de inocentes; esses que aplaudem crimes sangrentos e bárbaros como os dos Olivais, são os piores, são os que não tem autoridade moral para nos tocar, são os que não tem a consciência tranquila porque sabem o mal que tem feito, e temem a existência do quem possui o desassombro e a coragem de pôr-lhes a ná as chagas purulentas.

\*\*\*

Um dos que prevaricou, um dos que tem contribuído para aumentar a desordem que depois querer reprimir perseguiu precisamente as vítimas, dizendo-lo aqui corajosamente, é o sr. Sá Cardoso.

Lembra-se o sr. Sá Cardoso de ter sido convidado para exercer as funções de administrador da Companhia de Cal e Cimentos da Rasea, em Setúbal? Lembra-se, Tanto que se lembra que aceitou o convite.

ACEITOU, sendo nessa altura presidente da Câmara e militar, com o ordenado de mil e cem escudos mensais. Aceitou ainda, para que a sua nomeação tivesse foros de legalidade, o empréstimo de dez acções da mesma Companhia empréstimo que foi feito até — lembra-se? pelo grande capitalista Manuel Vicente Ribeiro.

Enfim, a vida são dois dias e é preciso aproveitá-los bem. Por isso, o sr. Sá Cardoso entendeu que o seu prestígio e a sua honestidade não perigavam, ontem com um dos maiores ladrões que dentro dessa Companhia é o «querido, posso e mando». Deu o brago ao sr. Baltazar Cabral um dos maiores acionistas da referida Companhia, do Banco Ultramarino, da escandalosa Companhia dos Diamantes, da Companhia do Nyassa, etc., etc., etc.. Não quis saber o sr. Sá Cardoso se essa Companhia de cimentos presava os seus operários, nem

inquiriu dum caso de falsificação de assinaturas que a mesma havia feito para intrujiar o Estado.

E' claro, que o sr. Sá Cardoso também não sabia que essa Companhia tivera, em 1922, um lucro de 801.284.810,9 e que denunciou ao Estado apenas 155.896.547,2, burlando o país e furtando-se ao pagamento dos impostos que recaíram sobre tam fabuloso ganho.

— Também o sr. Sá Cardoso ignorava o motivo porque lhe fizeram tam estranho convite, que aceitou?

— Nós elucidamo-lo. E' que o sr. Baltazar Cabral, a despeito de ter embolsado, só à sua parte, em lucros, a quantia de 213.480.500 queria, fazendo passar por pobre essa companhia rica, obter um empréstimo na Caixa Geral dos Depósitos. E o nome, o prestígio, a influência do sr. Sá Cardoso servia para essa repugnante transação. Baltazar Cabral queria um empréstimo de 300 contos, entretanto, o sr. Sá Cardoso conseguiu obter 200 contos, que foram entregues em Agosto do ano passado.

E quando o sr. Sá Cardoso foi negociar esse empréstimo, não sabia que já no ano anterior a mesma companhia arrancara à Caixa Geral dos Depósitos cerca de 200 contos, dos quais só pagara metade...

\*\*\*

São assim os homens que nos governam! admira, pois, que eles, solidários com a Moagem, com todos os potentados exploradores, temam que A Batalha circule? Terá o sr. Sá Cardoso ainda um pouco de coragem e uns restos de lealdade para não impedir a expansão dum jornal que diz a seu respeito verdades duras?

O sr. Sá Cardoso não hesitou em fazer parte dumha companhia que mandou à guarda republicana sovar os seus operários, quando estes se lançaram numa greve para aumento dos seus salários miseráveis!

O sr. Sá Cardoso foi negociar, para uma Companhia que teve mais de 800 contos de lucro, um empréstimo de 200 contos na Caixa Geral dos Depósitos!

O sr. Sá Cardoso ligou-se, dentro dumha Companhia, desonestamente, a indivíduos que falsificaram uma assinatura!

O sr. Sá Cardoso entrou sem pejo para uma Companhia que burlou o Estado furtando-se a pagar os impostos que devia!

O sr. Sá Cardoso, coronel, ex-presidente da Câmara, ministro, fez parte dumha Companhia que burlou o Estado, falsificou assinaturas, mandou sovar operários e introujou a Caixa Geral dos Depósitos.

E é este o homem que, guindado pelos acasos da política, às alturas de ministre do Interior, se permite encarcerar operários, perseguir um jornal honesto como A Batalha e aparecer sorridente no parlamento, como se não tivesse a pensar na consciência o crime tremendo de ter ajudado a fomentar a miséria do povo, e a ruina do Estado de que se diz defensor!

\*\*\*\*\*

piedade e encorajamento bem como repulsa pelo crime praticado.

O ambiente é cada vez mais desfavorável aos fascistas

ROMA, 18. — Tem havido grande movimento de pessoal nas repartições políticas do ministre do Interior e nos altos cargos da polícia, tendo-se procurado pôr à frente desses serviços pessoas de comprovada energia para que se descubram os raptos ou assassinatos do deputado Matteotti.

Em várias cidades italianas tem continuado a agitação a favor e contra o sr. Mussolini.

Os jornais dedicam longos artigos ao desaparecimento do sr. Matteotti. Os jornais da oposição aproveitam-se da oportunidade para fazer uma campanha tenaz contra Mussolini e o fascismo. Como a agitação é grande e se propaga por toda a Itália os fascistas ordenaram a mobilização geral da sua milícia, tendo vários dos seus dirigentes declarado que reprovavam absolutamente o acto cometido contra o sr. Matteotti.

O fascismo entra na agonia

ROMA, 18. — A crise política italiana parece ter passado o seu momento de gravidade. O novo ministre do Interior, sr. Federzoni, depois de ter prestado juramento perante o Rei Vitor Manuel, tomou posse da sua pasta e dirigiu imediatamente uma circular aos prefeitos de polícia de toda a Itália recomendando a maior firmeza para manter a maior consolidação de ordem e absoluto respeito pelas leis.

O presidente do conselho tomou posse interinamente da pasta das Colônias nomeou o jornalista Zolli para secretário geral. O dr. Maffi foi nomeado chefe da repartição da imprensa junto da presidência do conselho.

A polícia tem continuado a efectuar prisões de supostos implicados no desaparecimento do deputado Matteotti. O Papa recebe a viuva do assassinado

ROMA, 8. — O pontífice recebeu em audiência particular a sr. Matteotti, viuva do deputado socialista raptado e assassinado por um grupo de fascistas. O director do grande jornal fascista Corriere Italiano pediu, depois para a qual teve palavras de profunda oposição relativa à dissolução das

É FARTAR...

## O bodo á Moagem!

Decreta-se um aumento de 40 centavos em cada quilo de pão para favorecer os moageiros, que vão para Paris — fuga às responsabilidades dos seus crimes

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Consultas

Hoje, pelas 21 horas, os drs. Campos Lima e Sobral de Campos, dão consultas jurídicas, a todos operários confederados que delas necessitem, devendo os interessados apresentar as suas cartas de confederados em dia.

teria a coragem de dizer quanto lhe dá ganhar esse seu grande amigo que é seu dedicado címplice. Difícil se é impossível se torna sabé-lo pois ele mantém no maior segredo os seus lucros, pois às suas assembleias só um número restrito de grandes acionistas pode assistir. Difícil senão impossível a Moagem faz-lhe a espécie de «trancos» e falcatrás com a sua escrita, afim de não alarmar o público, de barlar o Estado e ludibriar os acionistas que não possuem os maiores capitais.

Não é possível afirmar que o sr. ministro da agricultura tem sido para a Moagem uma espécie de galinha dos ovos de ouro.

Os consumidores vão pagar caro estes generosidades, passando a custar-lhe a 2\$80 cada quilo de pão de 1.º. Como o Grandes, o sr. Joaquim Ribeiro, «sempre por bom caminho e seguir» os não estiveram só vivendo na mais admirável das democracias.

Éra fatal. A passagem do sr. Joaquim Ribeiro, pela pasta da Agricultura, tinha de ficar assassinada por um atentado aos consumidores. Seria interessante conhecer-se em números redondos a quanto monta até hoje o dinhei- ro que a excessiva e immoral liberalização do sr. Joaquim Ribeiro tem metido nos cofres da Moagem.

Mas é impossível. Nunca a Moagem



Giacomo Matteotti

O rapto do deputado Matteotti assinado pelos fascistas que foi praticado em pleno dia, num ponto bastante conhecido de Roma, demonstra a poderosa força que o banditismo fascista dispõe.

O cadáver de Matteotti não foi encontrado em nenhuma das pesquisas efectuadas pela polícia.

Mussolini, diante da grande indignação que este bárbaro crime provocou a Itália nos congressos dos partidos socialistas dos outros países.

Ora na nova câmara este especulador do socialismo tem assumido o papel de provocador.

Quem fez o papel de agente provocador foi o Popolo d'Italia como os acontecimentos o demonstraram.

## Teatro Nacional

AMANHÃ  
Inauguração da  
época  
de verão  
com o pito-  
resco drama  
de DECOURCELLE

## Os dois garotos

## O ESCÂNDALO DA MARINHA GRANDE

Os industriais madejando na sombra influem para que seja retirada à Fábrica Nacional a regalia das lenhas

Quando tudo fazia crer que, para de todos, os artigos aqui publicados acerca do projectado assalto à Fábrica Nacional de Vidros da Marinha Grande tinham desfeito os planos tembrosos duma quadrilha de políticos, negociantes, negreiros e gatunos — os industriais de Marinha Grande, deixando assim, a sombra em que têm agido, aparecem a tomar a responsabilidade tremenda duma atitude de ódio e de infâmia, qual a de pedir ao governo a prática dum roubo, para satisfação, apena, de vinganças pessoais?

O escândalo da Marinha Grande, de signo sólido que passará à história esta tentativa de saque igual a tantas outras que foram levadas a efeito por tempo não terem sido denunciadas ao olhar pálido da nação, revelou uma boa carta de especuladores sem escrúpulos, parecendo-nos que todas as pessoas de bem deviam ter o bom senso e o higiénico cuidado de se afastar da naseabundo lamajal para não ficarem atacadas, a menos que prefiram ser incluídos no número dos participantes da criminosa conspiração que é como quem diz — da corja que há de sentir o nosso chico a arroxear-lhe as carnes.

O industriais da Marinha Grande, mediante uma representação que é um documento inferioríssimo mental e moralmente considerado, solicitaram do governo a extensão dos 15.000 esteres de lenha que legitimamente pertencem à Fábrica e que nunca causaram o mais leve incômodo aos honrados fabricantes de vidro quando os usavam empresas que com as direções das outras fábricas mantinham as melhores relações para todos os efeitos, incluindo a fixação dos preços do vidro e da estruturação de todas as dependências do velho estabelecimento do Estado.

Assim a manhã audácia dos industriais, que reconhecemos não terem nada que ver com o assalto preparado, mas que dêle querem tirar todas as vantagens.

E ainda por cima, elas, os ex-operários vidreiros não se dispõem de largar as maiores insinuações sobre a obra dos seus antigos camaradas de profissão, da Fábrica Nacional, iniciando a laboração dum babilônia de oficinas complicadas com um capital efectivo de... 8 contos, fizeram o que elas nunca sabriam fazer, porque a obra realizada excede em esforço, em bons resultados, em entusiasmo tudo quanto é licito supor.

Os signatários do papelucu começam por se insurgir contra a actual organização da Fábrica da Marinha Grande e acabam por afirmar que dela resulta fatalmente o aniquilamento das restantes fábricas e, consequentemente, a miséria de milhares de famílias.

Isto lhe e não se acredita. Ainda não há muitos anos que a única fábrica de vidros da Marinha Grande era a Nacional, que sempre recebeu a lenha, como é lógico, por isso que ela é muitíssimo sua. Pois a-pés-dor do perigo que o glorioso estabelecimento fabril representa, não deixaram de se construir umas 20 fábricas, duas ou três das quais começaram há meses a funcionar, tendo alguns industriais feito fortunas em poucos anos, de milhares de contos!

Os industriais deram a maior publicidade à representação, certamente porque nenhum operário das suas fábricas deixasse de conhecer as intenções gressosas dos patrões que vem terçar lanças pelo pão das famílias dos seus empregados, apontando-lhes ao mesmo tempo o perigo constituído pelos camadas da Fábrica Nacional.

Haverá, porventura, algum vidreiro que acredite na ambição dos industriais, gabando que enquanto estes rebentam de riqueza, elas, no sumo duma vida de trabalho honesto se vê obrigado a tender a mão à caridade?

As famílias dos vidreiros passam fome muitas vezes, mas os industriais gastam à larga, viajam de automóvel, vivem em prédios majestosos, cheios de conforto.

Milícias fascistas recusando também qualquer debate sobre modificações na lei eleitoral ou sobre necessidade de novas eleições imediatas.

O grande comitê fascista, com sede em Roma convidou o governo a afastar de si colaboradores suspeitos.

Concentração de forças fascistas

ROMA, 18.—A concentração nesta cidade de numerosas forças da milícia fascista das províncias, tem dado lugar a tóis, a espécie de boatos, dada a coincidência da sua chegada com o incidente provocado pelo rapto do deputado Metello.

O governo publicou uma nota oficial tranquilizando os ânimos e na qual explica que as legiões fascistas vêm constituir a guarda da honra ao princípio da Abissínia e que retirarão da capital imediatamente à partida do real visitante.

Basta, por hoje.

## Na "Voz do Operário"

A visita do ministro do trabalho e uma voz discordante

O ministro do Trabalho fez ontem uma visita ao edifício da sociedade «A Voz do Operário». Essa visita causou certa estranheza entre alguns dos sócios auxiliares. O ministro foi ali a convite da comissão administrativa num momento em que sobre esta impede uma sindicância aos seus actos ordenados pelo governador civil do distrito a pedido de 95 sócios auxiliares. O governador civil deu o seu despacho, verificando o resultado da sindicância, admitindo a comissão administrativa e nomeando outra. Porém, os documentos relacionados com essa sindicância transitaram para o ministro do trabalho e até hoje o respectivo titular não fez caso do que se passou, não lhe importando a que foi apurado pela autoridade superior do distrito.

E entretanto a mesma comissão administrativa convida o ministro do trabalho a visitar o edifício, e o sr. Lima Duque a foi ontém.

Esperavam-nos os corpos gerentes e alguns empregados. Mostraram-lhe as aulas dos dois sexos, a tipografia, todas as outras dependências.

No final ofereceram-lhe, e ao séquito, champanhe e bolos. O sr. Lima Duque, usando da palavra, congratulou-se pela obra de «A Voz do Operário», fazendo votos porque ela nunca se desvias das suas bases fundamentais, procurando separar o trigo do joio de maneira a ser útil aos trabalhadores e a patrões.

Falaram os srs. Gameiro, que agradeceu a visita em nome dos corpos gerentes, e Fernandes Alves, pela redacção de «A Voz do Operário», que aproveitou a ocasião para reclamar do ministro no sentido de que seja dado o voto às mulheres na instituição Liga Pró-Moral, pois, sendo constituída na sua maioria por mulheres, quando foi aprovada os estatutos o governador civil entendeu que devia ser alterado artigo em que se dava direito às mulheres para elegerem e serem eleitas na citada colectividade, o que não está de harmonia com as ideias de emancipação.

O ministro declarou fazer parte da sua bagagem o desejo de dar a mais ampla liberdade a casos dessa natureza, porque sempre foi um espírito liberal.

José Maria Gonçalves, em nome dos sócios auxiliares, fez sentir ao ministro a necessidade de serem remodelados os estatutos da Sociedade «A Voz do Operário».

Estas palavras foram apoiadas, o que não podia deixar de ser, pelos restantes membros dos corpos gerentes e alguns empregados, havendo porém não apoio de vários sócios que casualmente ali se encontravam, porque a festa, como se vê, foi restrita a poucos, aos que dirigem a Sociedade, não tendo da conhecimento os milhares de associados.

Seguiu-se o presidente da assembleia, afirmando que uma grande perigo ameaça os destinos da Sociedade e esse perigo reside no facto de a coragem que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Evora escreve-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na citada cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os aladrilhos do cárcere por falta de camas.

Há dias uma sentinela insultou os presos e como estes se queixaram do facto, o carcereiro quis agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinha-o do solo, com as mãos e deita-o de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos não tem mantas, nem esteiras e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de báades, vassouras e esfregões.

PREÇOS POPULARES

GERAL ..... 3\$00

FAUTEUILS ..... 10\$50

Na cadeia de Evora

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Evora escreve-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na citada cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os aladrilhos do cárcere por falta de camas.

Há dias uma sentinela insultou os presos e como estes se queixaram do facto, o carcereiro quis agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinha-o do solo, com as mãos e deita-o de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos não tem mantas, nem esteiras e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de báades, vassouras e esfregões.

PREÇOS POPULARES

GERAL ..... 3\$00

FAUTEUILS ..... 10\$50

Na cadeia de Evora

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Evora escreve-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na citada cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os aladrilhos do cárcere por falta de camas.

Há dias uma sentinela insultou os presos e como estes se queixaram do facto, o carcereiro quis agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinha-o do solo, com as mãos e deita-o de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos não tem mantas, nem esteiras e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de báades, vassouras e esfregões.

PREÇOS POPULARES

GERAL ..... 3\$00

FAUTEUILS ..... 10\$50

Na cadeia de Evora

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Evora escreve-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na citada cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os aladrilhos do cárcere por falta de camas.

Há dias uma sentinela insultou os presos e como estes se queixaram do facto, o carcereiro quis agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinha-o do solo, com as mãos e deita-o de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos não tem mantas, nem esteiras e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de báades, vassouras e esfregões.

PREÇOS POPULARES

GERAL ..... 3\$00

FAUTEUILS ..... 10\$50

Na cadeia de Evora

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Evora escreve-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na citada cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os aladrilhos do cárcere por falta de camas.

Há dias uma sentinela insultou os presos e como estes se queixaram do facto, o carcereiro quis agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinha-o do solo, com as mãos e deita-o de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos não tem mantas, nem esteiras e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de báades, vassouras e esfregões.

PREÇOS POPULARES

GERAL ..... 3\$00

FAUTEUILS ..... 10\$50

Na cadeia de Evora

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Evora escreve-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na citada cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os aladrilhos do cárcere por falta de camas.

Há dias uma sentinela insultou os presos e como estes se queixaram do facto, o carcereiro quis agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinha-o do solo, com as mãos e deita-o de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos não tem mantas, nem esteiras e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de báades, vassouras e esfregões.

PREÇOS POPULARES

GERAL ..... 3\$00

FAUTEUILS ..... 10\$50

Na cadeia de Evora

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Evora escreve-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na citada cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os aladrilhos do cárcere por falta de camas.

Há dias uma sentinela insultou os presos e como estes se queixaram do facto, o carcereiro quis agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinha-o do solo, com as mãos e deita-o de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos não tem mantas, nem esteiras e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de báades, vassouras e esfregões.

PREÇOS POPULARES

GERAL ..... 3\$00

FAUTEUILS ..... 10\$50

Na cadeia de Evora

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Evora escreve-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na citada cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os aladrilhos do cárcere por falta de camas.

Há dias uma sentinela insultou os presos e como estes se queixaram do facto, o carcereiro quis agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinha-o do solo, com as mãos e deita-o de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante parceria que se o não quizerem não o comam.

Os presos não tem mantas, nem esteiras e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de báades, vassouras e esfregões.

PREÇOS POPULARES

## CRÓNICA DO PORTO

## A vida são dois dias

A festa do Senhor da Pedra — Viva a pândega! — Vive-se num regime ideal...

PORTO, 16. — Dias felizes os de ontem e de hoje. A impressão que predomina dentro do nosso espírito, é a de que houve uma profunda remodelação no sistema social capitalista, dando-se, como na grande Revolução de 1793, uma benemérita escusa de privilégios burgueses...

E certo que se não ouviu um tiro, a não ser um ou outro bombardete de fogueiro no ar; não presenciamos a mais ligeira refrega; a não ser uma ou outra alteração, logo de pronta sinalada, entre os três criaturas que se passaram os calos na pressa de acorrerem ao bardo testiro.

Mas se não houve luta sangrenta para a proclamação ruídos da felicidade pública, assistimos, pelo menos, a manifestações exponenciais da multidão em pândega desenfreada.

As explosões de alegria popular resultaram de um cunho verdadeiramente extraordinário. Não se estava na cidade do Porto ou Vila Nova de Gaia: estava-se na cidade do Futuro: Os grupos, impulsionados no seu contentamento comunicativo, não iam a caminho duma romaria, «marchavam», pelo contrário, ao encontro de um eden social explêndidamente organizado...

Nunca vimos a multidão tão satisfeita, tão radiante, tão paternalmente vivaz no seu jubilo interior e exterior.

Ranços de raparigas adolescentes e adultas, mescalados de moços divertidos, lá «pintavam» as suas acastanhadas danças, à volta dum bando desfraldado ao vento e ao som séco dos tambores «ramboicos»...

E nós julgávamos ver naquela a caminhada revolta das mulheres sobre a Versailles da exploração estatal, industrial e comercial — em busca da «família da tirania exactora dos municípios ou poder central».

E todavia, para onde se dirigiam os magotes de povo em grita cantarolante, era para o tal senhor da Pedra, grande e pequeno, no encalço de toda a sorte de veículos, enfeitados de galhardetes, bandeirões e trancas de ramaria, que, em cortejo porfiado, conduziam famílias inteiras... Não chegavam os comboios extraordinários de meia em meia hora...

C. V. S.

## A Escola Industrial de Tomar está em risco de desaparecer

Quando na nossa última estada em Tomar, por ocasião do IV Congresso da Construção Civil, visitámos a Escola Industrial «Jacomo Ratto».

Esta Escola tem tomado um grande desenvolvimento nos últimos anos, graças à actividade do seu actual director, segundo informações ali colhidas.

Assim, há cinco anos, tinha pouco mais de uma dezena de alunos, e no último ano contava uma frequência de 114, havendo presentemente uns 72 com bom aproveitamento.

Em virtude de tal progresso e reconhecendo-se a necessidade de criar algumas oficinas, como carpintaria, serraria, etc., para uma mais perfeita educação profissional dos alunos, estes de-liberaram nomear uma comissão de cinco membros que em Novembro do passado ano veio a Lisboa junto do director geral pedir a concessão dessas oficinas.

O director geral foi a Tomar tratar do assunto, realizando algumas «demarches» com o senhorio do prédio onde se achava instalada a Escola, ficando assente fazer-se uma escritura da casa para a instalação das oficinas.

Dias depois o director da Escola procurou o senhorio a fim de que a escritura se fizesse, mas o senhorio, esquecendo-se da combinação anterior com o director geral, respondeu não poder ceder a casa em virtude de haver quem lhe oferecesse mais mil escudos, e assim desaparecia a esperança de se instalar as oficinas.

Meses passados, o senhorio vendeu a casa, e o novo proprietário, por meio de influências políticas, pretende desalojar a Escola do prédio, pretextando também ser a casa para as filhas que se vão casar. Tem-se chegado a oferecer determinadas quantias ao director da

Trabalhadores:  
LEDE «A BATALHA»

## TEATROS &amp; CINEMAS

## Teatro da Trindade

Reaparição de Alves da Cunha em «O papá Lebonnard»

O Pôrto popular, debandou para o concelho vizinho, como foragido às invasões napoleónicas; levou consigo toda a sorte de merendeiros, em aqafates, sacas ou cestinhos — como se fossem provisões destinadas a amparar um grande assédio ou a sustentar as asperezas dum triste abalo para um sítio seguro e livre das vistas do inimigo...

Pelas novas e principais artérias da nova vila, até à explanada da Serra do Pilar, abancaram grupos familiares, transformando os locais públicos em imensos refeitórios campais.

Ontem e hoje não houve fome, não houve sede, não houve preocupações de espécie alguma — tudo «decorreu» na mais infinita harmonia, na mais absoluta solidariedade humana que imaginávamos.

Estava, enfim, decifrada a perfeição política, económica e social; estava, em fim, abolida a divisão de classes: tudo casquinava, descantava e pulava minha gente...

Na avenida da República, do lado de lá da ponte, alinhavam-se, nas varandas dos seu suntuosos palacetes, nabábicos bacalhoeiros e histericas novas ricas. Assistiam, sorridentes, o gáudio fantochar da plebeia população em «gorilantes» saltos de dancarino-maria fantasiada... Filosofavam, mercieramente concentrados, no pagode piramidal da populaçā: ora, isto não está assim tanto mal como apegam os paneigristas da transformação radical da sociedade burguesa. Olhem como o povo manifesta a sua miséria, os seus precalcões, os seus sofrimentos, as suas dores, a sua revolução social...

\*\*\*

Alves da Cunha, ultimamente tão pouco fadado ao êxito, nas empresas teatrais em que o seu nome teve direcção, monetariamente e até pela escolha das peças, teve agora o leitivo de tantas noites intrufadoras, ouvindo os estondosos aplausos que a assistência do Trindade lhe prodigalou, com uma veemência com uma ruídosas exponentially, que em teatro, somente se dá quando o trabalho dum artista se pode classificar de grande. Alves da Cunha foi grande em tudo o que o papel lhe impunha, na pormenorização que o olhar, o gesto, a máscara, o andar acentaram com uma preciosas exatidão; na graduação vocal absolutamente nivelada com a intensidade das frases, numa perfeição, não deixando escapar uma minúndia, não perdendo uma atitude, não violando nenhuma observação por muito subtil que pudesse ser.

Com tal interpretação chega a ser inacreditável que, de futuro, o público não o vá admirar olegicamente num papel que até pelo perigo do confronto, o torna mais extraordinário ainda no seu valor.

Berta de Bivar diligenciou fazer com a maior naturalidade o seu papel, mas por muito que conseguisse, esteve um tanto longe do que ele é, pela simples razão de não lhe estar a caracter.

Aida Verdi digna de nota pela vontade que revelou em mostrar-se à vontade num papel que também não assistiu a seu feito scénico. Henrique Alves marcou com simplicidade e arte o pa-

pel de médico, dando-lhe a nota de severa tristeza que o caracteriza.

Mário Pedro, elegante, mas sem fogo nas palavras e com uma maneira de olhar que nem sempre condiz com os momentos em que a emoção mais devia assinalá-la.

Os outros artistas regularmente.

Nogueira de BRITO

Os dois garotos

Os ensaios do pitoresco drama de Decourcelle, «Os dois garotos» prosseguem no Nacional de dia e de noite para depois de amanhã se inaugurar a época de verão.

O séptimo quadro, aquele que representa «O dique da Ponte de Austerlitz», onde se faz o rompimento da represa é de soberbo efeito.

O papel da «Condessa Helena» criado entre nós pela ilustre artista Amélia Vieira, vai ser interpretado pela atriz Maria Pi.; Claudio, o enfezado garoto que Júlia de Assunção fez em Lisboa e no Brasil, por Ester Leão; «Fanfarrão» por Rosa de Oliveira, actualmente no Brasil e retirada de cena, por Ilda Stichini e «Kergor», representado por Ernesto do Vale, será agora desempenhado por Luis Pinto.

Reclames

Noite de vibrante entusiasmo vai ser a de hoje, em S. Carlos, onde, em récita da mostra reaparece a emocionante peça de Bernstein, «Depois de Mim...» (Apres moi...) cuja brillantíssima carreira foi, forçadamente, interrompida.

— A hilariante comédia «O Comissário da Polícia» atraiu ontem enorme concorrência ao Apolo, onde hoje se repetiu, retirando da cena, definitivamente, esta semana, para se realizar a «reprise» da encantadora peça dos Quintero «A Malvalouca».

— Reduém-se todos os dias imensas senhoras que, tendo assistido à exibição dos dois episódios do «film» «Diamante Verde», vão ouvir o concerto, beber algumas de chá e conversar para a luxuosa e vasta sala do restaurante Olímpio, que é o único cinema que em Lisboa dispõe de tão grande melhoramento, para depois de leigo interregno, irem assistir as comédias hiláriantes com as «Travessuras infantis», «Fôrça de Amor», etc., etc., que este cinema está exibindo.

CARTAZ

S. CARLOS — A's 21 — «Depois de mim...» TRINDADE — A's 21 — «Papá Lebonnard...» POLITEAMA — A's 21,30 — «Guerra em tempo de paz...»

APOLÓ — A's 21 — «Malvalouca...» EDEN TEATRO — A's 21,45 — «Fruto Proibido...» AVENIDA — A's 21,30 — «Parties...» MARIA VITORIA — A's 23,45 e 22,45 — «Rês Vés...»

COLISEU DOS RECREIOS — As 21,15 — GIL VICENTE — A's 21 — «Dois Sargentos...»

OLÍMPIA — A's 20,30 — «Animatógrafo...» SALÃO FOZ — A's 14,30 e 22,30 — «Variedades...» CHIADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,30 — «Animatógrafo...»

CALHETA — A's 21 — «O Povo...»

GRANDE TEATRO — A's 21 — «O Povo...»

## SECÇÃO DE LIVRARIA

## "A BATALHA"

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. E' a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e refletindo no que se lê.

—Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E' assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente—Encomendas postais até 5 quilos \$500, pacotes até 2 quilos \$15 cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos \$50. América do Norte—Pacotes até 5 quilos, \$50.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

—Um revolucionário que não é como um barco sem piloto.

—Eduquemo-nos e instruam-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

—O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

## Publicações sociológicas

	Pelo correio
Organização Social Sindicalista	500
Antonelli—A Rússia do Exílio	500
A. Comuna: A macaronaria oportunistas	500
Porquê o crivo em D. J. 1833	1833
O. Oportunistas Históricos	500
Sciéncia Lusi	500
O Sinucausmo e os intelectuais	500
B. Landau—A greve geral	500
Bacunine—No seu mundo que somos anarquistas	500
Carlos H. Matos—A utopia	500
Proletariado—Porque não sejamos	1833
Chapelier—Porque não sejamos	1833
Chusca—Como não ser anar-	500
Si. Alberto—O amor livre	500
Content—Contra o capitalismo	500
Dufour—O sindicalismo e a pro-	500
Xima revolução (2.º)	500
Emilio Bossi—O cristianismo existencial	500
Eusebio Resende—A evolução da ciência	500
Emerson—A humanidade	500
Geo. Williams—Relatório dos delegados do 1.º W. W. no congresso da I. S. W. de Macau	500
Gladiador—A questão social	500
Lu. M. M.—Procriação obste-	500
Luís Lobo—As primeiras viseitadas da guerra	500
Eusébio Resende—A guerra europeia	500
Guyau—Liberdade e moralidade obrigações normais	500
Eduardo e Lacerda—Liberdade	500
A conferência da Paz a 21 de Junho	400
Associação da guerra mundial	600
O movimento operário na Gran-Bretanha	600
Psicologia socialista-anar-	500
A Luta do Socialismo	500

## Pelo correio

Henrique Leône—O Sindicato	500
Heitor Salgado—Imaculada	500
Monteiro dos Guerreiros	500
Religião do morto	500
Associados à Utria	500
Alma e Coração	500
O individualismo e a Socialismo	500
João Bonança—O Sezão e o clero	500
Joseph J. Ettor—Unionismo industrial	500
José Guadalupe—A sua vida	500
Justus Ebert—O S. L. W. W. na teoria e na prática	500
Krapotkin—A modicidade	500
A Revolução Russa (2.º)	500
Guerra Revolucionária (2.º)	500
A moral anarquista	500
Os pastores da guerra	500
O Estado e o seu papel histórico	500
O espírito revolucionário	500
Lázaro—A Liberdade	500
N. Lénine—Os Problemas do Poder dos Soviéticos	500
Landauer—A Social Democracia na Alemanha	500
Manuel Ribeiro—Na luta da fogo	500
Marx—O Capital (2.º)	500
Nost—A Peste Religiosa	500
Nietzsche—Anúncio	500
Nono Vaseo—O Trabalhador Rural e Geográfico	500
Concepção Anarquista do Socialismo	500
A greve dos operários	500
Notícias da Emancipação da massa	500
Pataut e Pouget—Como não ser remorsrevolucionário	500
Perfetto do Carvalho—Notícias e censuras	500
Prado—Novas leis da Associação	500
Roland—A Rússia Nova	500
Rossi—A sugestão das mudanças	500
Sebastião Faure—Des provis	500
António Fonseca—Sarmões da Montanha	500

## Pelo correio

Trotsky—Constituição Política da República dos Soviéticos	500
Uma de Nos—A Canha	500
Ernesto da Silva—Teatro II	500
Ernesto Haacke—História da Grécia	500
Origen do Homem	500
Monismos	500
Faguet—Iniciação filosófica	500
Iniciação literária	500
Problemas de conselhos	500
Problemas escolares	500
Terreiras de aldeias	500
Contos de Luar	500
Felipe de Lamego—As influências ancestrais	500
Filho de Almeida—Lisboa Galante	500
Estâncias de Arte e Saldade	500
Coimbra	500
Esquinas	500
Aves Migradoras	500
Barbeiro, pintor	500
Cidade do Vico	500
País das Uvas	500
Santos Quimicos	500
Nida Iônica	500
Gorki—Os vagabundos	500
Guerra Junqueiro—A Véhicação do Padre Eterno (encadernado)	500
A Morte e Ordinário marcha (Teatro)	500
Binet-Sanglé—A Loucura de Jesus	500
Charles Darwin—A origem das espécies (2.º)	500
Charles Limon—O Estado e a evolução do Direito	500
Buckner—O homem segundo a ciência	500
Eça de Queiroz (2.º)	500
O Príncipe Brasil	500
Almada	500
Os Malas (2.º)	500
A Rainha das Serras	500
Prado—Menos S. Tomé	500
Prosa Barbaria	500
Eco de Paris	500
Cartas Familiares	500
Mitos da Infância	500
Cartas Penitenciais	500
Sistemas dos mitos e fábulas	500
Notas Contemporâneas	500

## Pelo correio

Ernesto da Silva—Teatro II	500
Uma de Nos—A Canha	500
Ernesto Haacke—História da Grécia	500
Origen do Homem	500
Monismos	500
Faguet—Iniciação filosófica	500
Iniciação literária	500
Problemas de conselhos	500
Problemas escolares	500
Terreiras de aldeias	500
Contos de Luar	500
Felipe de Lamego—As influências ancestrais	500
Filho de Almeida—Lisboa Galante	500
Estâncias de Arte e Saldade	500
Coimbra	500
Esquinas	500
Aves Migradoras	500
Barbeiro, pintor	500
Cidade do Vico	500
País das Uvas	500
Santos Quimicos	500
Nida Iônica	500
Gorki—Os vagabundos	500
Guerra Junqueiro—A Véhicação do Padre Eterno (encadernado)	500
A Morte e Ordinário marcha (Teatro)	500
Binet-Sanglé—A Loucura de Jesus	500
Charles Darwin—A origem das espécies (2.º)	500
Charles Limon—O Estado e a evolução do Direito	500
Buckner—O homem segundo a ciência	500
Eça de Queiroz (2.º)	500
O Príncipe Brasil	500
Almada	500
Os Malas (2.º)	500
A Rainha das Serras	500
Prado—Menos S. Tomé	500
Prosa Barbaria	500
Eco de Paris	500
Cartas Familiares	500
Mitos da Infância	500
Cartas Penitenciais	500
Sistemas dos mitos e fábulas	500
Notas Contemporâneas	500

## Pelo correio

Ernesto da Silva—Teatro II	500
Uma de Nos—A Canha	500
Ernesto Haacke—História da Grécia	500
Origen do Homem	500
Monismos	500
Faguet—Iniciação filosófica	500
Iniciação literária	500
Problemas de conselhos	500
Problemas escolares	500
Terreiras de aldeias	500
Contos de Luar	500
Felipe de Lamego—As influências ancestrais	500
Filho de Almeida—Lisboa Galante	500
Estâncias de Arte e Saldade	500
Coimbra	500
Esquinas	500
Aves Migradoras	500
Barbeiro, pintor	500
Cidade do Vico	500
País das Uvas	500
Santos Quimicos	500
Nida Iônica	500
Gorki—Os vagabundos	500
Guerra Junqueiro—A Véhicação do Padre Eterno (encadernado)	500
A Morte e Ordinário marcha (Teatro)	500
Binet-Sanglé—A Loucura de Jesus	500
Charles Darwin—A origem das espécies (2.º)	500
Charles Limon—O Estado e a evolução do Direito	500
Buckner—O homem segundo a ciência	500
Eça de Queiroz (2.º)	500
O Príncipe Brasil	500
Almada	500
Os Malas (2.º)	500
A Rainha das Serras	500
Prado—Menos S. Tomé	500
Prosa Barbaria	500
Eco de Paris	500
Cartas Familiares	500
Mitos da Infância	500
Cartas Penitenciais	500
Sistemas dos mitos e fábulas	500
Notas Contemporâneas	500

## Pelo correio

Ernesto da Silva—Teatro II	500
Uma de Nos—A Canha	500
Ernesto Haacke—História da Grécia	500
Origen do Homem	500
Monismos	500
Faguet—Iniciação filosófica	500
Iniciação literária	500
Problemas de conselhos	500
Problemas escolares	500
Terreiras de aldeias	500